

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Sandra Raquel Bez Dos Reis

**Trajetória escolar de uma egressa da EJA formando-se pedagoga:  
uma narrativa autobiográfica**

Porto Alegre

2018/2

Sandra Raquel Bez Dos Reis

**Trajetória escolar de uma egressa da EJA formando-se pedagoga:  
uma narrativa autobiográfica**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos da  
Cunha Della Libera

Porto Alegre

2018/2

Sandra Raquel Bez dos Reis

**TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UMA EGRESSA DA EJA FORMANDO-SE  
PEDAGOGA: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rafael Arenhaldt - UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Sandra Moura – SMED Guaíba

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Lemos da Cunha Della Libera - UFRGS (orientadora)

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Uma foto de infância com sete anos (ACERVO PESSOAL) .....	19
Figura 2 - Boletim escolar frente (ACERVO PESSOAL).....	245
Figura 3 - Boletim escolar verso (ACERVO PESSOAL).....	25
Figura 4 - Bixo UFRGS (ACERVO PESSOAL).....	30
Figura 5 – Breve linha do tempo (ACERVO PESSOAL).....	31

### **Ela disse: “Não”**

Ela cresceu sem grandes perspectivas, não teve sonhos, nunca programou nada, sua vida não foi planejada. Ao contrário de suas amigas da adolescência, que faziam planos de se casar, terem dois ou três filhos, morar em tal lugar - ela não pensava sobre isto, parecia uma folha seca ao vento, ia para onde fosse levada. Talvez essa falta de vontade de sonhar e desejar, se devesse ao fato de que, ainda muito pequena, ter aprendido que quem mandava eram os pais. Não podia escolher o que comer, o que vestir ou que brinquedos gostaria de ganhar. Tudo era decidido por seus pais. Um dia ela sonhou em estudar e ousou abrir a boca para expressar esse desejo. Resultado: foi mandada para outro estado, a fim de que morasse com a família materna, avós e tios. Uma família diferente da sua. Uma família que não era a sua. Teve que suportar a saudade, a solidão e a tristeza, ou seja, pagou um preço muito caro por sonhar.

Assim ela cresceu, ouvindo e obedecendo. Se, por acaso, algum sonho ou desejo ousasse querer despertar, ela os enterrava bem fundo, junto com suas vontades, há muito tempo encarceradas no fundo de seu ser. Então, como acontece com a maioria dos seres humanos, ela cresceu, tornou-se uma moça bonita e os rapazes começaram a chegar. Os pais entraram em pânico: “Imagina se essa guria engravida?” Ela sequer pensava em sexo e nem sabia direito como isso aconteceria. Mas como, às vezes, a *vida* ou o *destino* decidem pelas pessoas, principalmente aquelas que não têm vontade própria, aquela menina viu-se namorando, casando e engravidando. Assim mesmo, rápido, sem planejamentos, sem festa de noivado ou casamento, simplesmente as coisas aconteceram. Mais uma vez ela não escolhera ou decidira nada, nem sabia da imensa responsabilidade que teria ao ser mãe. Ficou perplexa, tinha medo do que estava por vir, afinal ela mesma não passava de uma criança. Como conseguiria dar conta de um bebê? Não decidia nem por ela mesma, como decidiria o que fazer com outra vida?

Enfim, o tempo passou, a barriga cresceu e ela começou a se dar conta de que algo diferente estava acontecendo, não apenas com seu corpo, mas em sua mente. Começou a se sentir mais forte, capaz de fazer algo. Passou a ser mimada pelos parentes do pai da criança. Ao contrário, sua mãe parecia invejá-la, pois na medida em que sua barriga crescia, uma inimizade crescia na mesma proporção. Na mãe, foram geradas somente meninas e uma delas teve o “privilégio” e o “atrevimento”, que

ela não havia tido, de carregar um menino no ventre. As falas não a abalaram, ouviu calada, como sempre ficava ao ouvir todo tipo de xingamentos e pragas rogadas. Por algum motivo, ela se sentia intocável diante das maledicências de sua mãe. Sentia-se abençoada, protegida, cercada por um escudo. Cada vez que aquele menino lhe chutava a barriga, ela sentia-se mais forte.

Num belo dia de verão, o bebê-menino veio ao mundo. A cesariana lhe deixou dolorida por muitos dias. Entretanto, no momento em que viu, pela primeira vez, aquela carinha roxa e inchada, chorando a plenos pulmões, ela se sentiu envelhecer, crescer e (re)nascer, juntamente com o filho. As suas vontades a tanto tempo enterradas, naquele momento confuso entre médicos, enfermeiras, anestesia e luzes, ressurgiram. A única coisa da qual ela tinha certeza era de que precisava proteger aquele filho e não permitir que fizessem com ele o que haviam feito com ela. Com ele seria diferente, mas ela precisava se fortalecer. Teria que mudar e muito, para que isso acontecesse. Aos poucos, juntamente com seu filho, foi crescendo. Aprendeu a tomar decisões. Tornou-se mãe e senhora de si.

Seu grito de liberdade deu-se num domingo, em que, como em muitos outros antes desse, o marido exortou-a a arrumar o bebê para que fossem almoçar na sogra. Ela olhou bem nos olhos do marido e disse: “Não!”. O marido perplexo retrucou: “Como assim? Nós vamos almoçar na minha mãe todos os domingos. Tu estás louca?” Daquele dia em diante, essa pergunta se tornou comum na boca do marido: “Tu estás louca?” Não, ela não estava louca. Ela estava livre. Havia se libertado da *maldição* de dizer “sim” para tudo. Se liberdade era loucura, então, ela realmente estava louca. Agora tinha vontade própria, estava fortalecida. Reconhecia que era lutadora, guerreira, capaz de decidir por ela mesma, pelo filho pequeno e, mais tarde, como acontece no curso natural da vida, pela própria mãe, que ficou doente e precisou de cuidados especiais. Enfim, uma mulher que teve um crescimento um pouco tardio, mas que hoje se sente plena, independente, senhora de seus desejos e cheia de sonhos e que transformará sua aliança de casamento, que foi um símbolo de sua submissão, em um lindo anel de formatura!

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma narrativa de cunho autobiográfico, partindo de experiências pessoais e, especificamente, do meu processo de escolarização na infância e na vida adulta. Reflito sobre o fato de ter cursado o Ensino Supletivo e a Educação de Jovens e Adultos, delineando como essa trajetória marcou minha vida pessoal, acadêmica e profissional. A baixa autoestima pela pouca escolaridade e certa inconformidade, me acompanharam ao longo da vida. Tal contexto, compreendo que me levou a tomar algumas decisões e atitudes que mudariam sobremaneira o que estava “preestabelecido”, culminando na minha entrada no Curso de Pedagogia. O referencial teórico, que deu suporte a estas leituras, tem como principais autores: Josso (2006), Souza (2011) e Saffiotti (2015). Neste trabalho, também relatarei como essa experiência na EJA influenciou o meu fazer docente, partindo das seguintes questões: que professora estou sendo? Que olhar dedicarei aos educandos e à sala de aula? De que maneira essas vivências influenciarão na minha caminhada como docente? Nesta narrativa também constam registros de memória sobre a minha infância, a experiência de estudar em uma escola do interior, tendo que me adaptar em novos contextos. Por fim, compreendo que a narrativa autobiográfica ainda não é vista com a devida relevância na Academia. Ainda é difícil encontrar trabalhos que demonstrem a importância das experiências de vida na formação docente. Entretanto, é possível compreender que o profissional e o pessoal não andam separados, todas as experiências vividas irão nos acompanhar e nos transformar no que somos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Narrativa autobiográfica. Autobiografia. Patriarcado.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>12</b>
<b>3. A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....</b>	<b>16</b>
3.1. <i>A MUDANÇA PARA SANTA CATARINA E A ESCOLA.....</i>	20
3.2. <i>O MENINO DAS BALAS.....</i>	22
3.2. <i>O BOLETIM.....</i>	23
3.3. <i>A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....</i>	28
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS .....</b>	<b>32</b>
<b>4. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho narro a minha trajetória como egressa da EJA e provável formanda do Curso de Pedagogia, inspirando-me na pesquisa autobiográfica. Narro experiências oriundas de minha história de vida, vivências de uma formação escolar, pouco convencional, que me tornaram a mulher e docente que sou hoje. Muitas questões atravessaram a minha vida, o fato de meus pais terem pouco estudo, de minha mãe sempre ter sido dona de casa, de eu ter nascido em plena ditadura militar - uma época em que as crianças das camadas mais empobrecidas não tinham garantidos direitos, como o de estudar, por exemplo.

Marie Christine Josso descreve a importância da (re)construção das histórias de vida:

Assim, uma das dimensões da construção da história de vida na nossa abordagem reside na elaboração de um autorretrato dinâmico por meio das diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito, as suas opções passivas ou deliberadas, as suas representações e as suas projeções, tanto nos seus aspectos tangíveis como invisíveis para outrem, e talvez ainda não explicitados ou surgidos na consciência do próprio sujeito. Por meio desse autorretrato mais ou menos explícito, evidenciar as posições existenciais, adotadas ao longo da vida, permite ao autor da narrativa tomar consciência da sua postura de sujeito e das ideias que, consciente ou não conscientemente, estruturam essa postura. (p. 22, 2012)

Neste relato autobiográfico farei uma leitura sobre a pessoa que me tornei, a maneira como me posicionei diante do que estava “preestabelecido”, a forma como manifestei certa “rebeldia”. Denomino rebeldia esta inconformidade que aumentou depois que me tornei mãe. Foi neste momento que entendi que não aceitaria que fizessem com meu filho o que haviam feito comigo. Sei que não fui a única mulher a passar por esse tipo de situação, por isso, minha narrativa pode encontrar sentido na vivência de outras mulheres, mães, professores e egressas da EJA.

Em determinado momento de minha trajetória, senti como “as mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores” (SAFFIOTI, 2015, p. 37). Ciente deste fenômeno, passo a questionar: **de que maneira o fato de não ter estudado quando criança influenciou na minha prática docente atual e na minha escolha pela Pedagogia? Como o espaço de aprendizagem da EJA contribuiu para o meu fortalecimento enquanto mulher? Quem é essa professora que está se formando?**

Não pude estudar na “idade certa” porque meus pais acreditavam que as meninas não precisavam ir à escola, pois cresceriam, casariam e seriam sustentadas por seus maridos. Frequentei a escola, quando criança, durante três anos e mal aprendi a ler e escrever. Então cresci, casei e durante boa parte da minha vida fui realmente “sustentada” por um marido. Entretanto, eu não me conformava com o fato de não ter estudado e sonhava em voltar à escola. Assim que foi possível retornei, fiz supletivo do Ensino Fundamental e a modalidade EJA no Ensino Médio. Durante esse tempo, nenhum professor que tive fomentou a discussão sobre o porquê de estarmos estudando em um curso supletivo ou na EJA. Nenhum deles se interessou em saber das nossas trajetórias até ali.

Hoje percebo que eu não era a única, com tais características, naquele espaço. Eu não estava sozinha. Dentre os estudantes, a grande maioria eram mulheres. Algumas eram donas de casa, outras trabalhavam fora, cumpriam a “jornada tripla”. Trabalhavam em casa, fora de casa e ainda estudavam. Quantas colegas com histórias iguais à minha estavam naquelas turmas? Infelizmente jamais saberei. Entrávamos em sala de aula, abríamos os cadernos e os professores passavam os conteúdos. Agora entendo que é necessário superar esta prática e, por isso, almejo lecionar em turmas de EJA. Cursei Pedagogia com essa intenção: dividir o que aprendi e continuar aprendendo com meus alunos. Quero saber de suas vidas, de suas histórias, saber porque não estudaram quando eram crianças, valorizar seus saberes e experiências de vida.

Acredito que a minha experiência como egressa da EJA me traga esta possibilidade, um olhar diferenciado. Já estive dos dois lados, ou seja, como aluna e como docente em uma turma de EJA, pois realizei o estágio curricular na modalidade e participei, durante quase dois anos, do PIBID-EJA.

Em minha trajetória, jamais me conformei com a ideia de não poder estudar e concluir a minha escolarização. Assim que foi possível, como já mencionado, retomei os meus estudos, tantos anos depois de tê-los iniciado. Parecia normal uma mulher não ter concluído ou sequer iniciado a sua escolarização, afinal com a casa, os filhos, o marido e, muitas vezes, com o trabalho fora de casa, realmente não sobraria tempo para a escola, para investir em conhecimento. Afinal, para que serviria a escolarização para as mulheres se elas não saem de casa e não opinam nas decisões do marido? Para quê uma mulher precisa saber pensar? Ela só precisaria obedecer e seguir o

fluxo da família, de acordo com os princípios de uma sociedade patriarcal (SAFFIOTTI, 1989).

Minha história de “não escolarização”, em algum momento, fez com que eu valorizasse os estudos e lutasse para chegar até a faculdade. Para mim, esse era um sonho praticamente impossível de se realizar, algo inatingível. Reconheço que o que aprendi nessa experiência, deva ser direcionado em prol de outras mulheres, que talvez ainda estejam vinculadas a um pensamento de que estudo e conhecimento não são necessários para elas ou impossíveis de serem alcançados. Trabalhando na EJA temos a possibilidade de estar e falar com essas mulheres, muitas delas que, assim como eu, foram impedidas de estudar quando crianças pelo simples fato de serem mulheres. Noto que, em minha trajetória escolar, fez falta esse diálogo, esse incentivo. Os professores, em sua maioria, preocupavam-se apenas em “passar conteúdo”. Apenas cumpriam seu dever e iam embora.

Lembro que, no Ensino Médio, que concluí numa escola particular, o professor de História comentou, em uma de suas aulas, que ele era o primeiro professor egresso da EJA na instituição, a se formar na faculdade. Aquele comentário aparentemente aleatório, fez reviver em mim a esperança e a vontade de também tentar cursar o ensino superior. Aquele simples comentário me mostrou que era possível um egresso da EJA frequentar uma faculdade. Ora, se um simples comentário pode causar uma mudança de pensamento, pode-se depreender a potência pedagógica de um debate, uma roda de conversa, feita de maneira intencional e com o intuito de abordar estes temas.

Nasci no ano de 1968 e praticamente o mundo inteiro estava em convulsão. Havia protestos de todos os tipos em vários países. Jovens se rebelavam e pediam por mais liberdade. O pensamento mundial estava voltado para um desejo de mudança e foi em meio a isto que eu nasci. Sendo assim, “não podemos deixar de frisar que a dimensão universal, a repercussão e o extraordinário significado dos eventos que agitaram o ano de 1968 já são suficientes para colocá-lo no patamar único em toda a história do século XX” (CARDOSO, p. 7).

Vim ao mundo em 20 de novembro de 1968 e talvez por isso tenha “herdado” um desejo de transformação. Quem sabe por isso nunca tenha aceitado “papéis” pré-determinados. Talvez por esta razão, nunca tenha me conformado com o lugar que me foi imposto desde o meu nascimento. Decidi abordar neste trabalho de conclusão temas relativos a essas imposições e a luta diária para mudar este cenário.

Durante a vida, por vezes me perguntava o porquê de tantas dificuldades. Nasci em uma família que não valorizava os estudos e nem as mulheres. Que efeitos isto proporcionou para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje? Será que se eu tivesse tido uma infância diferente eu seria como sou? Não sei e jamais saberei, mas posso refletir sobre alguns destes aspectos: passar por situações difíceis, geram obstáculos que precisam ser constantemente superados. Estes podem gerar dureza, impaciência, intolerância, franqueza e o sentimento de que não há tempo a perder. Nesses momentos compreendo que os momentos de sofrimento transformam de alguma maneira. Talvez a vida tão dura, gere fortalezas...

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso consiste em uma narrativa autobiográfica, na qual abordei minha experiência como mulher, mãe, aluna egressa da EJA e atual estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Algumas questões permearam esta escrita: Como foi minha infância? Como me constituí mulher e mãe? Como foi frequentar a EJA? Como cheguei até à faculdade? Por que é relevante, principalmente para o campo da educação, escrever sobre o meu crescimento como ser humano? Que tipo de docente pretendo ser? Como desenvolverei a prática pedagógica com meus futuros alunos? Até que ponto minhas experiências de vida estarão presentes na minha prática docente? Será que essas experiências serão salutares em minhas práticas docentes? São essas e outras questões que a inspiração na pesquisa autobiográfica permite suscitar. Segundo Nóvoa (2001),

A sua intenção é constituir-se em material de apoio aos investigadores e aos formadores: por um lado, porque o sucesso das histórias de vida, em particular no espaço universitário, nem sempre tem tido como suporte uma adequada reflexão teórica e metodológica; por outro lado porque o campo da formação de formadores não pode limitar-se apenas às dimensões técnicas e tecnológicas e necessita de uma compreensão mais profunda dos processos através dos quais as pessoas se formam. (apud JOSSO, 2004, p. 11).

Neste trabalho abordarei a minha infância, meu processo de escolarização e algumas reflexões sobre a não-escolarização de meus pais. Também irei discorrer sobre a minha inconformidade por não poder estudar e as consequências dessa não aceitação. Quando intencionei escrever esse trabalho, relatando minha trajetória de vida, não sabia se isto seria possível. Após a descoberta de sua viabilidade, preocupei-me com a relevância que esse assunto teria para o âmbito acadêmico e o Curso de Pedagogia. Conforme Warschauer (2004):

[...] o caminho proposto pela “Metodologia das Histórias de Vida em Formação” é a narrativa, pois ela permite explicitar a singularidade, e com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida, como propõe a autora. (apud JOSSO, 2004, p. 9).

Porque seria interessante narrar as “mazelas” de uma pessoa comum? Uma mãe, mulher, esposa, dona de casa com pouca escolarização, assim como milhares de outras em nosso país? Justamente por isso! Quantas outras mulheres vivem nessa mesma situação? Estas narrativas, de alguma maneira, contribuem para uma desestabilização do *status quo*. Para Saffioti (1987), a sociedade reserva papéis pré-determinados tanto para homens quanto para mulheres. Geralmente cabe à mulher o âmbito doméstico e, mesmo quando essa trabalha fora do lar, segue com as obrigações de cuidar da casa e da família, ficando sobrecarregada. Tal situação é presente no cotidiano das mulheres e, muitas vezes, é concebido como “natural” para elas mesmas. Entretanto, sabemos que estas vivências tornam-se impeditivas de alguns projetos de vida.

Para fundamentar este trabalho, pesquisei autores que tratam sobre as narrativas autobiográficas na formação de professores. Segundo Souza (2011)

vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças de sua existência e a o tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas. (p. 213)

Assim sendo, reflito sobre a profissional docente que serei ao analisar essas marcas que estarão presentes no meu cotidiano pessoal e profissional. Para Souza (2011), aquilo pelo qual passamos, tanto em nossas vivências particulares, quanto no âmbito público no decorrer de nossas vidas, repercute no profissional que nos tornamos.

No início do Curso de Pedagogia sentia-me deslocada. A grande maioria das colegas eram jovens, oriundas de escolas particulares ou que haviam concluído seus estudos em escola pública, mas não na modalidade EJA. Até mesmo as colegas mais velhas, ou já tinham alguma outra graduação ou cursaram a escola quando crianças. Aos poucos comecei a sentir que não pertencia àquele lugar. Não comentei que era egressa da EJA, sentia uma profunda vergonha. Entretanto, aos poucos fui me abrindo com algumas colegas e determinados professores, sobre a minha escolarização. Muitos deles me incentivaram, se ofereceram para ajudar nas disciplinas em que eu tivesse mais dificuldades. Acabei me dando conta de que a minha história não era vergonhosa, pelo contrário, era uma história singular, nem

melhor e nem pior do que as outras. O fato é que havia chegado ao ensino superior e isto fazia desta história algo que valia à pena ser contado.

Sei que estas marcas provocaram-me um olhar diferenciado sobre o papel do docente na vida dos discentes, principalmente quando se trata de docência na EJA. Ao contrário da maioria dos professores, que conhecem a teoria e a prática da modalidade EJA, poderei destacar também minha vivência como aluna. Vivenciei as dificuldades de estudar à noite, depois de um dia inteiro trabalhando, deixar filhos e marido em casa, não ter tempo de estudar para as provas, levantar as cinco da manhã e deitar à meia-noite, enfim, todas as dificuldades pelas quais passam os estudantes da EJA.

Na disciplina de Seminário, da sexta etapa do Curso de Pedagogia, recebi um grande incentivo, por parte de uma professora. Ela me incentivou sobremaneira, ao demonstrar admiração e respeito pela minha trajetória até a faculdade, tecendo elogios à minha determinação e resiliência. Possibilitou que eu dividisse com as colegas as minhas experiências. Conforme Josso (2006),

revisitar sua história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospectiva, para extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma” (p. 376).

Naquele momento, experimentei o sentimento de ser aceita da maneira que eu era. Ao fazer aquela narrativa para o grupo e “revisitar” o meu passado, comecei a entender que certas coisas acontecem e que, talvez, não possamos fazer nada, naquele momento específico, para impedi-las. Contudo, podemos aprender, crescer e tentar superá-las de alguma forma. Ao final do meu relato, muitas colegas bateram palmas, outras foram às lágrimas. A partir daquele dia, comecei a pensar que, talvez, fosse interessante contar essa história em meu trabalho de conclusão.

Não foi fácil fazer esse “mergulho” no meu passado. Enquanto acessava memórias que estavam “na superfície”, outras que estavam “no fundo” começaram a emergir e, muitas delas, vieram acompanhadas de grande dor e sofrimento. Não foram raras as vezes em que escrevi chorando. Em alguns momentos, até lamentei o fato de ter escolhido fazer uma narrativa autobiográfica, me senti vulnerável em alguns pontos. Em outros, senti muita raiva. Josso (2006) também salienta que

O trabalho de reconstrução de nossa história, tanto no relato oral quanto no relato escrito, provoca o aparecimento de um certo número de *nós invisíveis*, mas nem todos! O processo é pôr-se a caminho, nessa busca de compreensão de si, de componentes de nossa história, de tomadas de consciência do que nos move, nos interessa, nos guia, nos atrai. É o trabalho biográfico propriamente dito que estabelece uma consciência e uma presença a si muito desenvolvidas que permitirão, talvez, continuar a viagem (após o processo) um pouco melhor equipado para 'ver' a tempo os cruzamentos do caminho, as oportunidades, os desafios imperdíveis. (p. 379)

Noto que esta experiência foi necessária para que eu pudesse ter alguns caminhos, principalmente na minha ação docente. Aprendi a importância da empatia e de saber se colocar no lugar do outro, a alteridade. A docência exige isso. Ao fazer essa visita ao passado, pude tomar conhecimento das mudanças que ocorreram em minha vida e do quanto isso foi importante para o meu crescimento como pessoa e como profissional.

### 3. A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nasci em uma família pobre, meus pais eram semianalfabetos, nasceram no interior de Santa Catarina e tiveram pouco acesso à escola. Após o seu casamento, em 1967, vieram morar em Porto Alegre, onde ficaram durante um tempo e depois mudaram-se para Alvorada. Eu nasci em seguida, em 1968 e minha irmã um ano depois em 1969. Cresci ouvindo minha mãe falar sobre o desgosto do meu pai, por ter somente filhas, as quais não poderiam trabalhar com ele. Conforme Saffioti (2015, p. 108):

Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo.

Ouvi, diversas vezes, minha mãe proferir a célebre frase: “quando o pai chegar em casa...” – em alusão ao fato de que ela contaria para ele tudo que nós havíamos aprontado durante o dia e ele tomaria as providências cabíveis, ou seja, uma bela surra ou um sermão. Lembro que, dependendo da traquinagem do dia, eu ia deitar sem jantar, fingindo estar dormindo quando o pai chegava a casa.

Meu pai era metalúrgico e minha mãe, dona de casa. Ambos acreditavam que eu e minha irmã não precisávamos estudar porque, depois de adultas, ao casarmos, seríamos sustentadas por nossos maridos, ou seja, nossos destinos estavam previamente decididos. Não precisávamos ir para a escola, lugar em que, segundo minha mãe, as meninas iam somente para ficar se agarrando com os meninos. Saffioti (1987, p.08) salienta que

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem.

Caso nós tivéssemos nascido homens, nosso pai nos levaria para a firma na qual trabalhava para que aprendêssemos uma profissão. Mulheres não tinham o mesmo destino.

Entretanto, mesmo sabendo que não poderia estudar, insisti. Via meus amigos irem para a escola e não entendia o porquê de não poder ir também. Nesta época, em que eu morava com meus pais em Alvorada, região metropolitana do Rio Grande do Sul, a escola mais próxima ficava cerca de dois quilômetros de distância. Algumas mães iam levar as crianças, outras iam sozinhas. Lembro de ficar sentada na porta de casa vendo as crianças passarem em direção à escola. Aquela cena me deixava muito triste, pois desejava ir junto.

Então, comecei a “incomodar”. Pedia para ir à escola, pois desejava aprender a ler. Meus amigos começaram a questionar o porquê de, somente eu, pelo menos naquela parte da rua, não poder ir para a escola. Agora vejo como, desde criança, apesar de terem me imputado determinadas posições e ao longo de minha vida eu ter vivido algumas delas, eu não aceitava, com facilidade, que me proibissem de fazer o que tinha vontade. Para Josso (2012, p.22):

O que representa um desafio neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. Transformar a vida socioculturalmente programada, numa obra inédita a construir, guiada por um aumento de lucidez, tal objetivo central que oferece a transformação da abordagem Histórias de Vida.

Devo ter incomodado muito porque não demorou e a minha mãe fez as minhas malas e me levou para morar com a minha avó materna em Santa Catarina. Lá, fui matriculada e estudei até a terceira série do ensino fundamental. Meu primeiro professor foi meu tio, irmão mais velho da minha mãe. Foi ele quem me ensinou as primeiras letras e sílabas e acredito que tenha sido ele que despertou em mim a vontade de ser professora. Foram tempos difíceis, apesar de estar na escola que eu tanto queria, não foi fácil me adaptar a um lugar sem energia elétrica, sem banheiro, sem televisão e longe de meus pais e de me minha irmã. Eu sentia muita falta dela. Éramos muito unidas, tomávamos banho, comíamos, brincávamos e “apanhávamos” juntas. Levávamos boas surras de cinta, do meu pai; de vara e chinelos, da minha

mãe. Até hoje tento lembrar o que fazíamos e que justificava a situação. Sobre as lembranças que envolvem o corpo Josso (2012, p.24) salienta que

[...] [ele] tal como é evocado nas narrativas de formação ocupa um lugar maior sob diferentes aspectos, mesmo se o autor da narrativa não está sempre consciente disso ou deixa de explicitá-lo. Do nascimento à puberdade, ele está presente em todas as circunstâncias que acompanharam seu crescimento fisiológico e suas relações com os outros. Encontram-se microrrelatos ou microlembranças sobre a maneira pela qual o autor esteve em relação física com seu ambiente humano e natural: tocado, afagado, vestido, cuidado, alimentado, às vezes maltratado e/ou abusado, mais ou menos batalhador entre os irmãos ou na escola, mais ou menos próximo de suas sensações internas e/ou externas, mais ou menos submisso a exigências de limpeza e de cuidados com o corpo [...].

Claro que não lembro somente das surras, também lembro do colo macio e cheiroso da minha avó. Sobre essa relação com as avós Duarte (2006, p.09) comenta que

Na língua portuguesa não existe uma palavra para definir a condição de órfão de avó. É uma pena, porque esta é uma perda que não se compara a nenhuma outra e deixa um vazio residual que nos acompanha a vida toda. As avós são criaturas meio mágicas, vindas de um tempo passado que, para as crianças, têm sempre algo de misterioso, de lendário. Minhas avós povoaram minha infância com histórias, cheiros de lar e colos macios como sofás. E também imprimiram na menina que eu fui, a senha para uma confraria feminina secreta, onde a coragem e a resistência não se traduzem em bravatas, demonstrações de força e desafios, mas em uma determinação de não sucumbir, de proteger as crias e de sonhar. Mesmo que seja apenas contando histórias.

Assim foram minhas avós, das quais lembrarei para sempre, principalmente a materna que me cuidou e levou para a escola. Também lembro dos cuidados da minha tia, que me dava banho e arrumava os meus cabelos para eu ir estudar. Lembro da coceira no corpo, depois de rolar pela grama com meus primos.

Eu só via meus pais e minha irmã nas férias de verão. Eles me buscavam em dezembro e me levavam de volta no início das aulas. Esses períodos de férias eram bons e aterrorizantes ao mesmo tempo. Eram bons porque eu estava com minha família, mas era aterrorizante porque eu sempre levava uma surra nas férias. O motivo, lembro-me bem: em Santa Catarina o sotaque é diferente. Durante o ano inteiro eu falava “cantado” e quando chegava em Alvorada, minha mãe me proibia de falar com aquele sotaque. Ela morria de vergonha que os vizinhos soubessem que

nós éramos de Santa Catarina. Em resumo, eu mal abria a boca e ela já mandava eu ficar quieta. Quando alguma coisa escapava, ela só me olhava “atravessado” e eu já sabia que ia apanhar. Foi complicado, cresci com a autoestima baixa, pensando que tudo que eu fazia era errado. Não me sentia pertencer a lugar nenhum. Em Santa Catarina não era aceita por não ser da cidade e ser gaúcha. Em casa, não me sentia bem porque aos poucos fui perdendo a identificação com meus pais e irmã.

Concluo, partindo da minha graduação em Pedagogia que, se tivesse tido a oportunidade de estudar na “idade certa” meu desenvolvimento intelectual teria sido diferente. Para Saffioti (1987), ao não se permitir que a mulher tenha as mesmas possibilidades que os homens têm de estudar, de trabalhar e de conviver com pessoas diferentes, condicionando-as ao trabalho doméstico, não se permite que elas possam fazer uso de tudo aquilo que são capazes.



*Figura 1 - Uma foto de infância com sete anos  
(ACERVO PESSOAL)*

### 3.1. A mudança para Santa Catarina e a escola

Costumo dizer que a minha trajetória escolar é um pouco “diferente”. Para o senso comum, a maioria das pessoas frequenta uma escola perto de sua casa e as crianças são levadas até ela pelos pais (geralmente as mães), mas comigo não foi assim que aconteceu.

Como mencionado anteriormente, ao completar sete anos, fui levada para a casa da minha avó materna para que lá eu pudesse frequentar a escola. Aqui se faz necessário destacar a importância que meus avós maternos tiveram nessa etapa da minha vida, porque se eles não tivessem aceitado cuidar de mim e providenciar para que eu pudesse frequentar a escola, é bem provável que eu tivesse crescido sem escolarização alguma. Josso (2006) também salienta a relevância dos avós e como eles surgem nos relatos de formação, “mais ainda, é raro que uma avó ou um avô não tenham desempenhado um papel determinante [...]” (p. 376), assim como ocorreu comigo.

Minha avó morava na Sanga D’Areia no município de Santa Rosa do Sul, em Santa Catarina. Acredito que aqui cabe salientar o que representa, na abordagem autobiográfica essa viagem no tempo. Conforme Josso (2012, p.21):

A escolha de um verbo sublinha que se trata de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um.

Foi um choque, apesar de sempre ir passear na casa da minha avó e de adorar aquele lugar, ter que me adaptar a morar no interior. Como já mencionado, não havia luz elétrica, nem banheiro, não tinha televisão e nem geladeira, e eu estava habituada com essas coisas na cidade.

Como combinado, minha avó me levou até a escola para que eu fosse matriculada, não lembro muito bem do que aconteceu nesse dia. A única coisa de que me lembro foi que senti muito medo e lembro também do meu uniforme: camisa

branca, saia pagueada azul marinho, meias brancas e *Conga*<sup>1</sup> azul marinho. Além de alguns primos, que eu sabia que estudavam naquela escola, que era a única do lugar, as demais crianças eu não conhecia. Não lembro se tive aula nesse dia, se teve recreio, mas lembro de algumas coisas que foram acontecendo no decorrer dos dias. Eu sofri com o preconceito dos meus colegas, eu era mal tratada por ser da cidade, por ser de outro estado, por ser diferente deles. Chamavam-me de galega, barata branca, barata descascada, por ser loira e, também, por outros nomes somente para debochar do meu, Sandra, porque era um nome considerado por eles como “diferente”. Também era maltratada porque era a única que tinha mochila e uma pasta com abas e meus colegas carregavam seus cadernos em sacolas feitas de pano (a mochila representava um *status* diferente).

Meus primos também me incomodavam, principalmente as primas. Nunca esquecerei de um dia em que uma das minhas primas ficou encarregada de varrer a sala de aula no intervalo. As demais crianças saíram e minha prima, junto com outra menina, ficaram. A escola não possuía merendeira e nem uma pessoa específica para fazer a limpeza. Então, essa limpeza era feita pelas alunas mais velhas.

Como a escola era multisseriada, eu e essa prima mais velha estudávamos juntas, em séries diferentes. Nesse dia, após o intervalo, quando eu voltei para a sala de aula, vi que a minha mochila e a minha pasta de abas estavam jogadas na rua, no chão, em frente à escola. Lembro que eu fiquei furiosa. Botei as mãos na cintura e gritei, perguntando quem havia jogado as minhas coisas no chão. Lembro das outras crianças ficarem me olhando, em silêncio. Então a minha prima saiu de dentro da sala e disse: “Fui eu!”. Não houve tempo para que ela reagisse. Agarrei o braço dela e disse: “Tu nunca mais faz isso. Da próxima vez, vou te dar um soco na cara”.

Esta reação violenta, que era a regra no lugar e motivada pelo ocorrido com os meus materiais escolares, penso ter sido, de certo modo, determinante para ser respeitada e vista com outros olhos, apesar de ter continuado a sofrer *bullying*. Algumas crianças se aproximaram de mim, pois elas também sofriam preconceito por serem muito pobres. Essas crianças moravam em um lugar que era denominado “Fundão” e era sabido que só morava lá quem estava em situação de pobreza. Criamos nosso grupinho, o “grupo dos excluídos”. Brincávamos e lanchávamos juntos e era muito bom!

---

<sup>1</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Conga\\_\(cal%C3%A7ado\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conga_(cal%C3%A7ado))

### 3.2. O menino das balas

Nessa época, na escola, havia um menino que era conhecido como o *playboy* da turma<sup>2</sup>. Sua família tinha melhores condições de vida e ele era o caçula. Lembro-me de considerá-lo um menino muito bonito, mas muito chato e mimado. Por isso, eu não conversava com ele e nem imaginava que ele tivesse algum interesse por mim. O nome dele era Valmor.

Então, em um dia na escola eu estava, como sempre, sentada na escadaria dos fundos da igreja (a escola ficava no pátio da igreja) com meus amigos. De repente, alguém chega e me estende a mão cheia de balas e diz: “Ó, pra ti”. Olhei para cima e me surpreendi ao me deparar com o “menino rico” me dando balas. Fiquei muito feliz por ganhar balas e, prontamente, as dividi com os meus amigos. Ele sentou ao meu lado e, a partir daquele dia, ele sempre ficava comigo nos intervalos e eventualmente me trazia balas.

Ao relatar este episódio do “menino das balas”, destaco um conto de Edla Eggert (2009), no qual ela narra a história de um irmão marista que dava balas para as meninas de sua turma que fossem “prendadas”. Assim como eu, meninas ganhavam balas e, assim como o velho padre, o menino também se aproximava lentamente com os bolsos cheios destes doces. Embora em situações e propósitos diferentes, no conto de Eggert (2009), essas balas serviam como “recompensa” e na minha história, faziam parte da conquista.

Lembro que gostava muito da companhia dele e das balas, mas me incomodava muito o fato dos outros colegas ficarem gritando que nós éramos namorados. Eu tinha medo que a minha avó descobrisse e que, por isso, eu sofresse alguma punição<sup>3</sup>. Na verdade, eu nem sabia o que significava ser “namorado”, mas como os outros falavam e riam eu desconfiava que fosse algo ruim.

Depois de alguns anos eu reencontrei esse menino. Já estava um rapaz e segui considerando-o bonito. Chegamos a namorar, em uma tarde de domingo, quando eu e minha família fomos visitar a minha avó. Entretanto, naquela época, não havia como nos comunicarmos. Não havia telefone e nem correio no lugar. Quando soube seu

---

<sup>2</sup> Usávamos este termo para designar aqueles que nos pareciam os mais “ricos” da turma. Nem sempre o eram. Contudo, pelo pouco que tínhamos, nos parecia a melhor forma de considera-los.

<sup>3</sup> O fato poderia ser interpretado, a partir da “profecia” de minha mãe de que as meninas iam para escola “agarrar” os meninos.

paradeiro novamente, já estava casado. Depois disso, nunca mais tive notícias dele e, às vezes, ainda fico pensando em como teria sido a minha vida se eu tivesse me casado com o menino das balas...

### 3.2. O boletim

A única recordação material que tenho da época da escola é o meu boletim do Primeiro Ano. Ele está amarelado pelo tempo e é uma das poucas relíquias que guardo. Quando éramos crianças e depois de adolescentes, também, nos mudávamos de um lugar para o outro, com bastante frequência. Era difícil ficarmos morando em um mesmo lugar por mais de cinco anos. Minha mãe dizia que fazia isso para mudar de ares, pois enjoava rapidamente da cara dos vizinhos. Eu e minha irmã sofríamos bastante com isso, porque quando estávamos nos habituando a um lugar e conseguíamos fazer amigos, tínhamos que nos mudar. Esta também foi uma das razões pelas quais a minha mãe nunca nos matriculou em uma escola.

O boletim, guardei como um verdadeiro tesouro pois, para mim, ele tem grande valor. Observando-o, noto detalhes que, quando era uma criança, me passaram despercebidos. O primeiro deles foi o fato do boletim estar com uma suposta assinatura do meu pai. Ora, eu estava em Santa Catarina com meus avós e meu pai vivia no Rio Grande do Sul. Ia para a casa dos meus avós, no início do ano escolar e só voltava para casa nas férias de verão. Sendo assim, a assinatura que consta no boletim não é do meu pai. A letra da assinatura é muito diferente da letra dele. Quem assinava meu boletim?

Outro aspecto, que vem corroborar a certeza de que não era o meu pai quem assinava, é que o nome dele é Santilino dos Reis e, no boletim, está escrito Santelino dos Reis. Provavelmente era a minha avó quem assinava o boletim, a fim de não deixar evidente que eu não tinha um “pai” presente<sup>4</sup>. Outro detalhe interessante é que no boletim há espaço para a assinatura do pai ou tutor. A mãe não é mencionada. Notei que a pessoa que preencheu o meu boletim, colocou no meu nome, apenas o

---

<sup>4</sup> Além de meu avô não aprovar o casamento dos meus pais, porque, segundo minha mãe, ele era pobre e “brasileiro”, dois defeitos imperdoáveis na sua concepção (que era de ascendência italiana e tinha muito orgulho disso), ele ainda não estava presente.

sobrenome do meu pai, *dos Reis*. O sobrenome da minha mãe, *Bez*, não consta. Percebe-se um contexto que excluía as mulheres.

O nome da escola também é interessante destacar: *Escola Isolada E. Descobrada*. As escolas “isoladas” eram as

[...] de um só professor, a que se entregam 40, 50 e as vezes mais crianças. Funciona quasi sempre em prédio improvisado. É de pequeno rendimento, em geral, pelas dificuldades decorrentes da matrícula de alunos de todos os graus de adiantamento, falta de direta orientação de professor, falta de fiscalização, falta de material, falta de estímulo ao docente. É a escola típica dos núcleos de pequena densidade de população, a escola da roça, a escola capitulada de “rural”. (FILHO, 1940, p.658 apud GIL e CALDEIRA, p.172, 2011).

Assim era a minha escola: pequena, sem banheiro, a única coisa que havia era uma privada ou “patente”, como dizíamos, que ficava a uns duzentos metros da escola. Não havia papel higiênico, nem água encanada.

A escola consistia em uma única sala na qual o 1º e o 2º anos tinham aulas à tarde e o 3º e 4º anos pela manhã. O professor dividia o quadro negro com um risco de giz e ali escrevia a lição, metade do quadro para cada turma. Além dessa sala, havia também uma pequena despensa onde ficava estocada a merenda que era servida quando alguém tinha tempo de fazer. A escola não tinha merendeira e nem refeitório. Geralmente era alguma de minhas tias que iam fazer a merenda, já que meu tio era o professor. Esta merenda consistia, na maioria das vezes, em algum tipo de sopa ou caldo que era servido em canecas plásticas. Comíamos sentados nos degraus da igreja ou dentro da escola, se estava chovendo.

**OBSERVAÇÕES**

Idade 26-11-68  
DIA, MÊS E ANO

Naturalidade RGS.

Filiação Santelino dos Reis

Profissão do pai Operário

É novo ou repetente na classe novos

Distância da residência ao estabelecimento 250m

Eliminação \_\_\_\_\_  
(DATA E CAUSA)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

A vista das notas obtidas durante o ano, registradas às fls. \_\_\_\_\_ do livro competente, fica o aluno com direito a matricular-se na 2ª série do Curso Primário.

\_\_\_\_\_  
DIRETOR

**ESTADO DE SANTA CATARINA**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

=

Escola T. E. Verelobrada  
Sanga da Areia  
Município de Samborombom

Boletim da aluna  
Sandra Raquel dos Reis

01  
cedida 1976 Bz

Figura 2 - Boletim escolar frente (ACERVO PESSOAL)

Média Geral: **9,7**

Escola Isolada E. Verelobrada  
**BOLETIM**  
da aluna Sandra Raquel dos Reis, matriculado na 1ª série do Curso Primário.

Meses	LÍNGUA NACIONAL		Integração Matemática	Cultura Geral	Atitudes, Hábitos, Práticas e valores	Habilidades	FREQUÊNCIA				Assinatura do pai ou tutor	
	Redação e Gramática	Leitura e interpretação oral					Presença	FALTA	Exatidão	Part. Indiv.		Part. Grupos
Abril												
Maio												
Julho												
Set.	9	9,5	8,5	10	10	25	-	-	1	-	<u>Santelino dos Reis</u>	
Outubro	10	9,5	10	10	10	24	-	-	-	-	<u>Santelino dos Reis</u>	
Dez.	-	-	-	-	-	16	-	-	-	-	<u>Santelino dos Reis</u>	
MEDIA	<b>9,5</b>	<b>9,5</b>	<b>9,3</b>	<b>10</b>	<b>10</b>							NIVEL:

Diretor: \_\_\_\_\_ Professor: Valdemar Bez

At acaizad o boletim de seu filho, observe se as notas lhe asseguram promoção no fim do ano  
A casa dos professores de Santa Catarina será a boa aliada que auxiliará educativamente os nossos primeiros mestres

Figura 3 - Boletim escolar verso (ACERVO PESSOAL)

### **A “terra mágica” que perdeu o encanto.**

Lembro que chegávamos à noite na casa da Dinda (era assim que eu chamava minha avó materna porque ela era minha madrinha). Nossa viagem era, em parte, noturna, geralmente ocorria nas sextas-feiras, depois que o pai chegava do trabalho. Entupíamos o Fusca branco, ano 75, de sacolas com roupas e partíamos rumo à Santa Catarina. Era uma alegria só! Ficávamos em grande expectativa. Eu e minha irmã já sabíamos que brincaríamos com nossos primos, comeríamos as deliciosas rosquinhas de polvilho que a Dinda sempre fazia para nós, teria linguiça frita, queijo serrano, polenta, galo caipira, massa caseira, enfim, tudo do bom e do melhor. Muita fartura!

Essas viagens eram um sonho. Sempre que a mãe anunciava que íamos para a casa da Dinda, começávamos a fazer mil planos: se era no inverno, íamos direto para o pomar comer bergamotas e laranjas; caso fosse verão, além do maravilhoso banho de sanga, comíamos goiabas, uvas, peras e bananas, o que havia durante todo o ano.

Na hora de arrumar as sacolas das roupas (Sim, sacolas. Eu nem sabia que existiam malas para esse fim), já começava a nossa festa. O pai, por sua vez, já começava a brigar, porque não queria que levássemos muita bagagem. Caso contrário, ele não poderia trazer os vários cachos de bananas com os quais lotava o fusca na volta para casa. Meu avô e minha avó se sustentavam da venda de bananas, colhidas em uma grande plantação.

No dia combinado para a viagem, eu e minha irmã ficávamos no portão esperando o pai chegar do trabalho. Assim que as coisas eram arrumadas no carro, nós pulávamos dentro de um vão que existe atrás do banco de passageiros nos Fuscas. Naquele tempo não existiam cadeirinhas para crianças e o uso do cinto de segurança não era obrigatório. Quanta alegria e inocência.

A viagem durava em torno de 4 a 5 horas. As estradas não eram como são hoje em dia. Lembro que íamos pela “estrada velha” e se o pai tentasse passar de oitenta quilômetros por hora, a mãe já gritava, mandando “aliviar o chulé”. Era uma longa viagem. Enquanto o dia estava claro, nós ficávamos brincando com os motoristas dos caminhões que vinham atrás, fazíamos caretas, acenávamos e eles brincavam conosco também. Lá pela metade da viagem, o sono começava a bater. Saíamos do

nosso “esconderijo” e deitávamos no banco do Fusca para dormir. As sacolas de roupas eram os nossos travesseiros.

Chegávamos na dinda dormindo. Por conta disso, a mãe falava: “Acorda, gurias. Já chegamos!” Quanta felicidade! A Dinda vinha correndo com uma lamparina na mão, pois não havia eletricidade na casa dela. Ela nunca sabia quando chegaríamos, porque também não havia telefone. Nossas idas eram sempre de surpresa. Ela adorava nossas visitas.

Geralmente, quando chegávamos, todos estavam dormindo. Como a Dinda costumava rezar o terço todas as noites, ocupando um bom tempo antes de dormir, ela escutava o barulho do carro chegando e corria para ver quem eram os visitantes.

Os dias passados na casa dela eram os melhores das nossas vidas. Lá recebíamos muito carinho dos avós, dos tios e primos. Eram dias mágicos! Corríamos, brincávamos, colhíamos frutas do pé, andávamos de carro de boi, corríamos feito loucas pelo potreiro, tomávamos banho de sanga... Até que chegava a hora de ir embora, voltar para a cidade e continuar nossa rotina de ver as outras crianças irem para a escola e nós ficarmos no pátio de casa, sem ter o que fazer. Como das outras vezes, arrumamos as sacolas para voltar, mas teve uma vez que foi diferente: ao invés de eu ficar olhando pela janela do Fusca, a casa da Dinda ir diminuindo até sumir da minha vista, fiquei olhando o Fusca branco se afastar até sumir na curva da estrada.

Não entendi direito o que estava acontecendo. Tinha apenas sete anos, mas dessa vez, fiquei ali. O que aconteceu daquele momento em diante, mudou toda a minha vida. A “terra mágica”, de alegrias e folgedos, de um dia para o outro se transformou no meu novo lar. De um dia para o outro a “terra mágica” perdeu o encanto...

### 3.3. A Educação de Jovens e Adultos

**Voltei a estudar em 1992.** Já estava casada e “por sorte” meu marido não se incomodava com o fato de eu querer voltar a estudar. Pelo contrário, ele sempre falava sobre o fato de eu não ter estudo, que era um desperdício, que eu era inteligente e deveria retomá-los.

Apesar de ter uma grande vontade de voltar a estudar, sentia muito medo. Para mim, a escola continuava sendo um território proibido e, mesmo estando casada, ainda tinha receio de contrariar a minha mãe e de aborrecê-la voltando a tocar nesse assunto.

Não lembro bem como foi, mas fiquei sabendo que abririam inscrições para o supletivo numa escola perto da minha casa. Inscrevi-me para fazer o teste de ingresso na escola, que tinha apenas o Supletivo do Ensino fundamental. Era uma escola municipal. Nunca vou esquecer o comentário que uma amiga da minha mãe fez, quando soube que eu e minha irmã havíamos nos inscrito para fazer o teste: *“Vocês estão loucas, vão passar vergonha. Eles vão fazer perguntas e vocês não vão saber responder. Vocês são muito burras.”*

Lembro que minha irmã entrou em pânico e eu fiquei com raiva daquela pessoa. Fui fazer o teste, mesmo estando apavorada. A prova consistia numa série de perguntas sobre algumas disciplinas. Lembro que uma das perguntas era: quem foi Dom João VI? Marquei a resposta na qual estava dito que ele era filho de Dom Pedro I. O mais engraçado é que não me lembro de nenhuma das questões que acertei, mas essa que errei, não esqueci.

Eu e minha irmã passamos no teste e nos matriculamos. O Supletivo, nessa época, pelo menos naquela escola, era apenas da 5ª série em diante. Como eu havia feito apenas até a 3ª série, nunca cheguei a cursar a 4ª série. A escola era perto de casa e as aulas eram à noite. Começamos a estudar no início de março. Eu estava muito feliz, pois finalmente, depois de tantos anos, estava recomeçando.

No final de março, descobri que estava grávida. Foi um misto de alegria e tristeza: já sabia que assim que ganhasse o bebê, teria que parar de estudar novamente. Minha mãe deixou bem claro que não cuidaria da criança para que eu fosse à escola. Continuei frequentando as aulas até o final do ano. Consegui concluir a 5ª e a 6ª séries. Meu filho nasceu no dia 30 de dezembro de 1992 e as aulas haviam terminado duas semanas antes. De fato, tive que parar de estudar no ano seguinte.

**Em 1996**, voltei a me matricular na mesma escola em que concluí o Ensino Fundamental e, dessa vez, cursei a 7ª e a 8ª séries. Novamente tive que interromper os meus estudos. A única escola pública que oferecia o Supletivo do Ensino Médio em Alvorada ficava num bairro afastado de onde eu morava. Precisaria pegar ônibus para chegar lá e a escola era tida como alvo de ataque de gangues com assaltos, brigas e outros problemas. A outra opção era uma escola particular, mas com filho pequeno, eu não trabalhava fora, meu marido ganhava pouco, pagar uma escola particular era inviável na época e, novamente, tive que parar de estudar. Segundo Hara (1988)

sabemos que para os adultos das camadas populares, dentre as adversidades que a sociedade lhes impõe, a questão da escolarização tem peso menor para a sua sobrevivência. Questões como habitação, saúde, emprego, alimentação, transporte, são prioritárias em relação aos processos escolares.

Além das dificuldades financeiras, o trabalho doméstico e os cuidados com o filho pequeno, tomavam a maior parte do meu tempo. Quando meu filho começou a estudar, desisti do meu sonho de voltar pra escola, pois agora meu foco era ele. Decidi que ele teria acesso aos estudos e que jamais passaria pelo que eu passava.

Só depois de muitos anos o meu sonho de completar os estudos retornou. Meu filho já estava formado no Ensino Médio e estava cursando a faculdade de Ciências da Computação na UFRGS. Resolvi, então, que era hora de voltar e, dessa vez, concluir o Ensino Médio. Nesse momento foi possível pagar uma escola particular.

**Iniciei o curso, já na modalidade EJA em 2011** e concluí o Ensino Médio no primeiro semestre de 2012. Cada ano no ensino regular, correspondia a seis meses na EJA, por sua semestralidade. Em 2012, me inscrevi para fazer o ENEM. Nessa época eu já acreditava que poderia ir além e sonhava em fazer faculdade. Fiz uma boa pontuação no ENEM e, através do SISU, consegui uma vaga para cursar Pedagogia na UERGS. No dia em que recebi o *email* avisando que eu havia sido selecionada na primeira chamada, chorei muito, um choro de felicidade, de incredulidade.

O único problema era que a unidade da UERGS que oferecia o curso de Pedagogia ficava em Osório, distante 100 quilômetros de Alvorada. Por sorte, os pais do meu marido moravam lá. Então, para estudar, eu ia na segunda-feira e retornava no sábado a tarde para casa. Fiz isto durante um ano, praticamente, mas era muito

cansativo. Nos finais de semana tinha que lavar e “passar a roupa do marido e do filho” e deixar comida pronta para a semana inteira.

Comecei a pensar em prestar o vestibular da UFRGS. Comentei com meu filho que estava pensando nisso e ele deu uma gargalhada. Disse que, na UFRGS, eu não conseguiria entrar. Destacou que o ENEM era fácil, mas o vestibular da UFRGS, não. Fiquei indignada e disse para ele que tentaria mesmo assim, eu não era de desistir sem nem ao menos tentar, uma postura que fui alterando ao longo da minha vivência. Inscrevi-me para o vestibular, fui aprovada e hoje estou concluindo o curso de Pedagogia.



*Figura 4 - Bixo UFRGS (ACERVO PESSOAL)*

## Breve linha do tempo

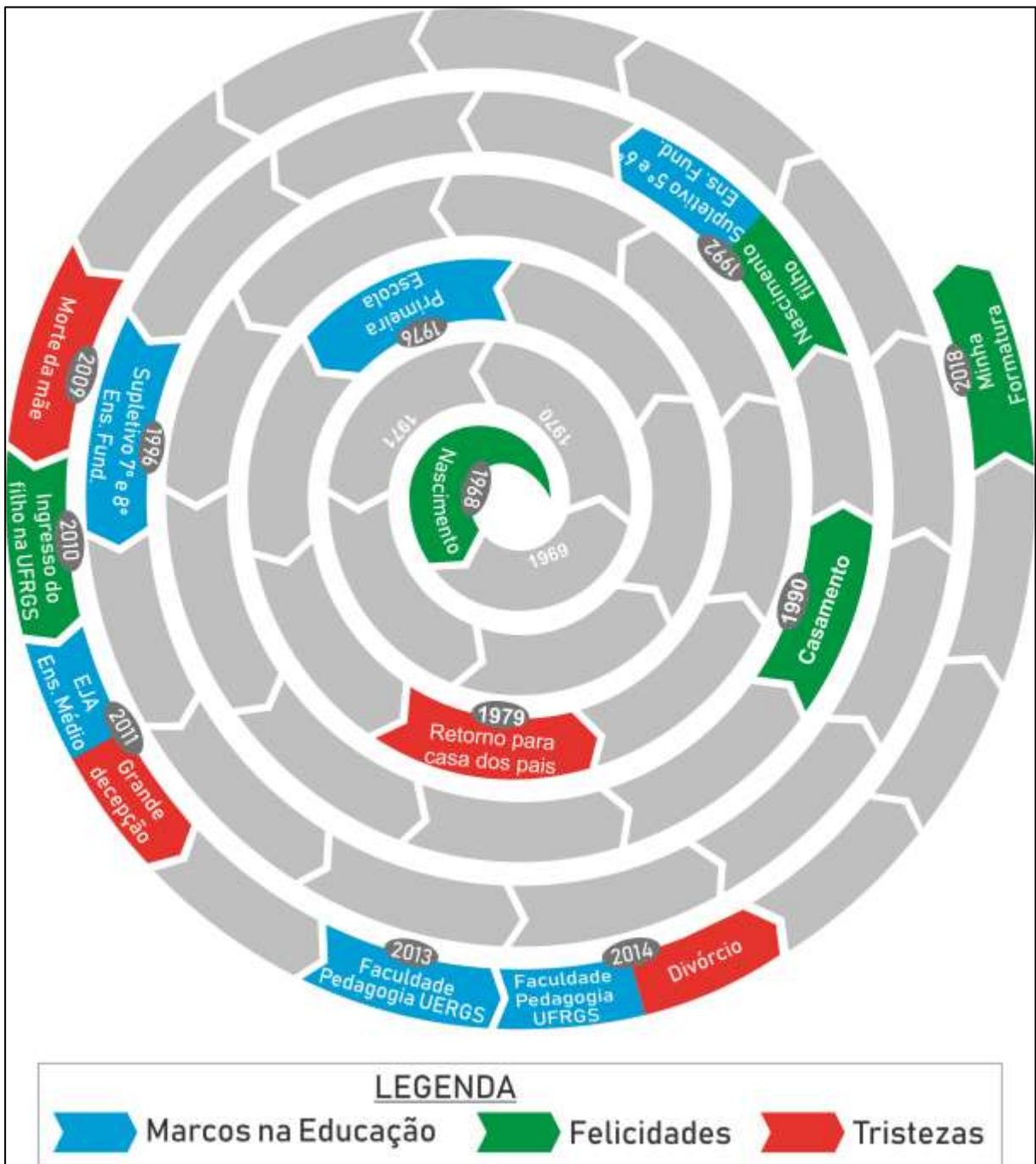


Figura 5 – Breve linha do tempo (ACERVO PESSOAL)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

Após ter mergulhado em minhas memórias e ter feito esse relato, acredito que todas as experiências pelas quais passei me transformaram no que sou hoje, seja como mãe, mulher ou profissional, até porque uma não pode existir sem a outra, de acordo com o referencial que orientou esta pesquisa. Por mais que eu quisesse me manter afastada de certos fatos que aconteceram na minha vida e buscasse que eles não fossem impeditivos para o meu cotidiano, eles estavam presentes.

Hoje busco entender estes fenômenos: se por um lado foi “ruim” não ter tido uma escolarização convencional, por outro consigo ter um olhar diferenciado para o estudante da EJA. Entendo bem, por minha experiência, como se sentem, pois já estive naquele lugar. Sendo assim, como profissional, buscarei contribuir em suas lutas, respeitá-los e valorizá-los, o que nem sempre aconteceu comigo quando fui aluna da EJA. Como mãe, tentei ser diferente, sempre lutei para que meu filho tivesse uma boa formação escolar, sem reproduzir o que ocorreu comigo. Como mulher tentei conciliar a ação docente e o olhar diferenciado para outras mulheres, a fim de proporcionar um questionamento aos destinos preestabelecidos socialmente impostos, os quais impedem de sonhar.

Considerando minha formação como pedagoga, questiono o porquê das narrativas autobiográficas, ainda não serem vistas com maior relevância no Curso de Pedagogia. Percebi que ainda é difícil encontrar trabalhos que demonstrem a importância das experiências de vida na formação docente.

Por vezes me questioneei o porquê das situações que vivi. Não conseguia compreender o porquê de uma infância considerada difícil, tendo nascido em uma família que não valorizava os estudos e as próprias mulheres. Entendo que estas vivências contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje e que são também vividas por outras tantas mulheres, educandas da EJA.

As dificuldades vivenciadas nos deixam cheias de cicatrizes, pelas humilhações, sofrimentos, traições e decepções, enfim, sentimentos humanos, mas difíceis de vivenciar. Contudo, percebo que alguns episódios, como, por exemplo, uma simples fala de um professor da escola, possibilitou que não desistisse de tudo. Pelas palavras dele, pude sonhar com a universidade.

#### 4. REFERÊNCIAS

CARDOSO, Lucileide Costa. **Ecoss de 1968**: 40 anos depois. Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, Salvador, v. 2, n. 1, p.5-12, jan. 2008.

DUARTE, Rosina et al (Org.). **Contos sem fadas**: Retalhos de memórias. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2006. 112 p.

EGGERT, Edla. **Narrar Processos**: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação. Florianópolis: Mulheres, 2009. 88 p. (Gênero e Violência).

GIL, Natália; CALDEIRA, Sandra. **Escola Isolada e Grupo Escolar**: Avariação das Categorias Estatísticas no Discurso Oficial do Governo Brasileiro e de Minas Gerais. Estatística e Sociedade, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.166-181, nov. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/estatisticaesociedade/article/view/24543>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

HARA, Regina. **Alfabetização de adultos**: ainda um desafio. São Paulo: Cedi, 1988. 49 p. (Documentos 1). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1685/19.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 out. 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **O corpo biográfico**: corpo falado e corpo que fala. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p.19-31, jan. 2012. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227323003>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação**: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p.373-383, maio 2006. Quadrimestral.

NÓVOA, António. **Prefácio**. In: JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 11-17.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **O Poder do Macho**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1987. 120 p. (Polêmica).

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **Gênero Patriarcado Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. 160 p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Territórios das escritas do eu**: pensar a profissão - narrar a vida. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.213-220, maio 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84819058012>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

WARSCHAUER, Cecília. **Apresentação à edição brasileira**. In: JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 7-10.